

kafkiana

2º ENCONTRO DE PESQUISADORES DE FRANZ KAFKA

PROGRAMAÇÃO E RESUMOS



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



Programa de pós-graduação em
Ciência da Literatura
Universidade Federal do Rio de Janeiro

PROJETO
**Franz
Kafka**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Roberto Leher (UFRJ) e Denise Fernandes Lopez Nascimento (UFRJ)

FACULDADE DE LETRAS

Sonia Cristina Reis (UFRJ) e Humberto Soares da Silva (UFRJ)

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA LITERATURA

Flávia Trocoli (UFRJ) e Priscila Matsunaga (UFRJ)

PRJETO FORTUNA

Ricardo Pinto de Souza (UFRJ)

PROJETO FRANZ KAFKA

Carolina Martins Pedroso (USP) e Pablo Rodrigues (UFRJ)

COMISSÃO ORGANIZADORA

Carolina Martins Pedroso (USP), Pablo Rodrigues (UFRJ) e Ricardo Pinto (UFRJ)

COMISSÃO CIENTÍFICA

Eric Winiarski Muccio (USP), Lúcio Gondim (UFC), Ricardo Pinto (UFRJ), Samella Russo (USP), Tercio Redondo (USP), Tomaz Amorim (USP)

Endereço

Av. Horácio Macedo, 2151 - Cidade Universitária, Rio de Janeiro - RJ, 21941-917

Conferências

A lei da metamorfose

Gustavo Bernardo Krause (UERJ)

Soar inaudível: o risco do silêncio em Kafka

Marcela Oliveira (PUC-RJ)

Diante do tribunal paterno: entre o silêncio e o perdão, a *Carta ao Pai*

Erica Schlude Wels (UFRJ)

Kafka na obra de Agustina Bessa-Luís

Viviane Vasconcelos (UERJ)

Mesas

Mesa 1. “Bildung: formação em conflito”

Anotações sobre os "Escritos de repartição" de Franz Kafka | RENATO OLIVEIRA DE FARIA (USP)

Kafka contra a educação? A Metamorfose como Anti-Bildungsroman | LEONARDO MAIA (UFRJ)

Franz Kafka: contra toda indiferença | PABLO BAPTISTA RODRIGUES (UFRJ)

Mesa 2. “Busca e análise na escrita de Kafka”

Produção de Presença em O Castelo, de Franz Kafka | SANDRA HELENA ANDRADE DE OLIVEIRA (UFPI) e PATRÍCIA PILAR FARIAS (UFPI)

Franz Kafka e as categorias de uma literatura menor por Deleuze e Guattari | PABLO CASTRO RIBEIRO (UFRJ)

Uma metamorfose sem reserva: mal-estar e derrisão na passagem de Gregor Samsa | SERGIO ALEXANDRE NOVO SILVA (UFRJ)

Mesa 3. “Epístola: cartas a K.”

Mídia, Milena: os fantasmas que assombram as cartas de Franz Kafka | LEONARDO PETERSEN LAMHA (UFF)

Carta Ao Pai: a escrita memorialística e o gênero epistolar em Franz Kafka | CAROLINA PIMENTEL

Mesa 4. “Olhares multi-semióticos”

A representação gráfica de Franz Kafka nas adaptações de sua obra | LIELSON ZENI (UFRJ)

A Metamorfose em Quadrinhos: traduções gráfico-visuais de Peter Kuper e Robert Crumb | LUIZ GUILHERME DOS SANTOS JUNIOR (UFPA)

O Fantástico de Franz Kafka recriado: Uma análise da animação e do conto Um Médico Rural | LUÍSA OSÓRIO RIZZATTI (UFRGS)

Mesa 5. “Relações humanas em perspectiva”

Fábulas kafkianas: Borges, Invasión e a batalha infinita | PALMIRENO MOREIRA NETO (UNICAMP)

O pensamento-paisagem em Contemplação, de Franz Kafka | ANDRE FELIPE NUNES KLOJDA (UFRJ) e MARIANA FORTES MAIA (UFRJ)

Mesa 6. “Kafka: corpo, linguagem e punição”

**Na colônia penal: a escrita inscrita no corpo ou a lei imposta na pele
| ISADORA BONFIM NUTO (UFRJ)**

**Corpo, Transmutações E Violência Em Três Contos De Kafka |
VIVIANE CRISTINA BITENCOURT DOS SANTOS (UFMG)**

K contra K | ADRIANA SANTOS IMBROSIO (UFRJ)

Mesa 7. “Realidades kafkianas”

**Um animal na construção: a ironia kafkiana diante do medo |
CAROLINA MARTINS PEDROSO (USP)**

**Kafka e a tradição narrativa: uma leitura de “Na Galeria” | GABRIEL
CAIO CORREA BORGES (UFRJ)**

**Franz Kafka, um autor de seu tempo: preocupações atuais na
narrativa de “Uma folha antiga” | ANA FILGUEIRA (UFC)**

PROGRAMAÇÃO

12 de Novembro

9h	Mesa 1 – “Bildung: formação em conflito”
11h00	Intervalo
11h15	Mesa 2 – “Busca e análise na escrita de Kafka”
13h15	Intervalo (almoço)
14h30	Gustavo Bernardo Krause (UERJ): “A lei da metamorfose”
15h30	Lançamentos de livros, atividades culturais e referentes ao Projeto Franz Kafka

13 de Novembro

9h	Mesa 3 – “Epístola: cartas a K.”
11h00	Intervalo
11h15	Mesa 4 – “Olhares multi-semióticos”
13h15	Intervalo (almoço)
14h30	Marcela Oliveira (PUC-Rio): “Soar inaudível: o risco do silêncio em Kafka”
15h30	Mesa 5 – “Relações humanas em perspectiva”

14 de Novembro

9h	Mesa 6 – “Kafka: corpo, linguagem e punição”
11h00	Intervalo
11h15	Erica Schlude Wels (UFRJ): “Diante do tribunal paterno: entre o silêncio e o perdão, a <i>Carta ao Pai</i> ”
13h15	Intervalo (almoço)
14h30	Viviane Vasconcelos (UERJ): Kafka na obra de Agustina Bessa-Luís
15h30	Mesa 7 – “Realidades kafkianas”

Resumos

Mídia, Milena: os fantasmas que assombram as cartas de Franz Kafka | LEONARDO PETERSEN LAMHA (UFF)

Esta investigação segue o rastro dos fantasmas que assombram as Cartas a Milena, de Franz Kafka. Em setembro de 1922, dois anos após a interrupção da relação epistolar entre Kafka e a jornalista Milena Jesenská, Kafka retoma a correspondência com uma carta fatídica, onde ele atribui a “desgraça do mundo” à própria possibilidade de se escrever de cartas. Referindo-se ao amor à distância desenvolvido entre os dois, Kafka escreve que “beijos escritos jamais chegam ao seu destino, pois os fantasmas os bebem ao longo do caminho.” A carta segue descrevendo um exército de fantasmas que assombram toda a comunicação por cartas. A partir desse momento crucial, pergunto: por que beijos escritos se perdem? Do que constituem-se os fantasmas? A investigação divide-se em dois eixos. No primeiro comenta-se a mais recente leitura “biográfica”, feita por Reiner Stach, sobre os fantasmas, que aparecem aqui como mera metáfora psicológica. No segundo eixo, privilegio uma leitura que podemos chamar de “midiática”. Investigo como os fantasmas foram lidos por teóricos da mídia e da comunicação: comento as leituras que Friedrich Kittler e Bernhard Siegert realizaram sobre os fantasmas de Kafka, leituras que destacam a ligação entre a impossibilidade da comunicação com o contexto discursivo-tecnológico representado, em Kittler, pela máquina de escrever, e por Siegert pelo sistema postal — dois objetos de ansiedade do próprio Kafka. Ambas as perspectivas ligam-se ao que David Welbery chamou de “crítica pós-hermenêutica” que privilegiaria, nas suas palavras, o “corpo que sofre” ao invés de uma atribuições de significado ao sofrimento em si. Nessa leitura midiática, Kafka aparece como registrando efeitos das tecnologias de comunicação que utiliza.

Por fim, procuro entender o próprio Kafka como “mensageiro” — já que ele era um dedicado escritor de cartas —, destacando os comentários de Walter Benjamin a respeito da presença de mensageiros em sua obra, e dialogando com a chamada “parábola dos reis e dos mensageiros” do próprio autor tcheco. Concluo que, ao falar em fantasmas que impedem o amor à distância, Kafka critica — mais que a natureza da escrita — a natureza da comunicação à distância ela própria, e com isso os limites da transmissão amorosa. **Palavras-chave:** Kafka; mídia; pós-hermenêutica; tecnologia; comunicação.

Anotações sobre os "Escritos de repartição" de Franz Kafka | RENATO OLIVEIRA DE FARIA (USP)

Os chamados "Escritos de repartição" referem-se aos textos elaborados por Franz Kafka (1883-1924) entre os anos de 1908 e 1922 para o Instituto de Seguros contra Acidentes dos Trabalhadores do Reino da Boêmia em Praga. Siderada pelas inúmeras queixas que constam nos diários e cartas do escritor sobre a incompatibilidade entre o trabalho na repartição e o trabalho literário, a crítica kafkiana precipitadamente tratou de isolá-los, como se se tratasse de mundos estanques. A presente comunicação pretende apresentar brevemente essa produção para a repartição e mostrar como Kafka se apropria de forma produtiva desses escritos de repartição, transformando-os em componente interno de sua produção literária. **Palavras-chave:** Franz Kafka; "Escritos de repartição"; Literatura e sociedade; Império Austro-Húngaro; Primeira Guerra Mundial.

Kafka contra a educação? A Metamorfose como Anti-Bildungsroman | LEONARDO MAIA (UFRJ)

O romance de formação é ocasião de uma profunda renovação poética do fazer literário. Alguns elementos característicos: a) a desconstrução da figura do herói: o herói não é, mas devém; forma inacabada, ele está justamente em-formação, e essa condição é requisito para que a

vontade-de-formação e seu processo correspondente se definam; b) o herói não age, mas aprende; recebe a ação que antes perpetrava; 'herói passivo', sua 'ação' é propriamente a de um aprendiz: alguém que deve encontrar um modelo em outros, que retém e contempla o significado e valor das próprias experiências, na sua solicitação por outros, que agem sobre ele; c) estabelece-se uma inédita relação de imanência da obra com o leitor; não há exemplaridade do personagem em relação àquele que lê; sua existência não é modelar, mantendo um sentido de proximidade e ensejando a problematização de experiências, em última análise, comuns; entende-se que é o leitor, ao final, o verdadeiro educando, que se forma ao longo do romance que lê. Essa situação, formativa ao mesmo tempo que literária, será enfrentada na virada do momento moderno para a contemporaneidade. Não somos mais modernos, mas o que nos tornaria contemporâneos? Uma nova literatura deverá, necessariamente, se haver com os protocolos da literatura 'anterior', redefinindo-os sob novas bases. O que será do Bildungsroman, essa formidável máquina literário-pedagógica posta em funcionamento já por Rousseau e Goethe, retornando em Stendhal, Balzac e Flaubert, para ficarmos em alguns expoentes europeus? Como se livrar não apenas de sua forma, da poética e da tarefa que o inspira, mas mesmo do alcance estético e artístico de todos esses nomes? Essa será justamente a aventura de parte significativa da literatura nascente no século XX, que procura se desembaraçar de seus antigos parâmetros. Mas sob que condições? Inviabilizar o Bildungsroman é, decerto, também esvaziar o aprender, o aprendiz – mas por que? Com vistas a que? Percebemos que essa será, talvez, por excelência (ao mesmo tempo que por excesso) a estratégia-Proust. Fazer crescer o anterior romance de formação ao ponto de que não se aprenda mais nada. A arte é o verdadeiro juízo final, dirá, n'O tempo redescoberto. Mas, nosso interesse aqui vai noutra direção, que envolve a construção de um novo tipo de personagem que radicaliza o quadro anterior e apresenta processos de subjetivação e de produção de subjetividade

absolutamente inusitados. Quem se educa, ou é educado? Forçosamente, a criança. E o que seria uma criança que não aprende? O que torna possível uma criança a quem, por outro lado, já não é possível ensinar, alguém para quem o aprendizado é uma impossibilidade? Talvez, por exemplo, uma criança que não pode crescer, ou que, ainda mais significativamente, renuncia ao amadurecimento e à vida adulta. Essa será a estratégia-Barrie, no seu Peter Pan. Resta, porém, ao menos ainda uma terceira perspectiva, que possivelmente vai ainda mais longe. Não se trata aí já nem mais de um quadro humano. Eis então a estratégia-Kafka: subitamente transformado em inseto monstruoso, o que é já a ‘formação’ para o jovem Gregor Samsa? **Palavras-chave:** Kafka, Bildungsroman; Educação.

Franz Kafka: contra toda indiferença | PABLO BAPTISTA RODRIGUES (UFRJ)

Minha comunicação tem como objetivo tecer considerações literárias e filosóficas sobre as condições ético-políticas das relações humanas nas sociedades contemporâneas. Em especial o lugar da “indiferença” como “afeto político” na elaboração e estabelecimento da atual ordem social. Esta leitura será realizada a partir do conto “O cavaleiro do balde” de Franz Kafka (KAFKA, 2011) em diálogo com o pensamento de Hannah Arendt (HARENDT, 1999) e Zygmunt Bauman (BAUMAN, 2014). Encontramos na narrativa kafkiana o personagem cavaleiro do balde que se depara com a dura realidade de não ter mais o carvão diário para enfrentar o inverno. Guiado pela necessidade nosso personagem vai até a casa do carvoeiro e implora por um pouco de carvão. Diante dessa porta, parecido como o homem que está “Diante da lei” (KAFKA, 2011), o cavaleiro do balde não é sequer convidado a entrar, ele não é visto e nem ouvido: “Você é malvada! Pedi uma pá do pior carvão e você não me deu” (KAFKA, 2011). A aproximação de nosso autor como o pensamento de Hannah Arendt (HARENDT, 1999) e Zygmunt Bauman

(BAUMAN, 2014) é estratégica para refletir aquilo que ambos os pensadores propuseram por meio de seus trabalhos. No caso de Arendt o conceito de “banalidade do mal” que passa a designar, entre outras coisas, uma nova forma de leitura para antiga relação “bem-mal” e percepção moral pós-Segunda Grande Guerra. E a “cegueira moral”, por Bauman, característica da sociedade líquida produtora de indiferença. Kafka entra em cena como autor que propõe em termos literários o questionamento da produção da indiferença como afeto político contemporâneo. Situa-se então, na esteira do pensamento ao observar por meio do cavaleiro do balde o fim da solidariedade como construção social. **Palavras-chave:** Franz Kafka; Indiferença; Cegueira moral.

Carta Ao Pai: a escrita memorialística e o gênero epistolar em Franz Kafka | CAROLINA PIMENTEL

Resumo: Redigida por Franz Kafka em 1919 Carta ao pai, e segundo alguns críticos, não fora escrita com a intenção de torná-la pública. Apresentou-se, de início, como um texto de cunho intimista e não atingiu o seu principal destinatário, o pai. Reescrita e reelaborada pelo autor, anos mais tarde, o texto chegaria às mãos de outros destinatários-leitores, despertando assim, o interesse pelo componente biográfico, memorialístico e epistolar de sua forma. Pensando em tais questões, surge a possibilidade de investigar as aproximações entre a escrita de ficção, gênero memorialístico e o gênero epistolar, pois, sendo Kafka, um aficionado por esse estilo deixou um vasto material, a exemplo de a Carta ao pai, e, não só, incluem-se aí as cartas trocadas com Felice Bauer, Grete Bloch e Milena. Nesses termos, Kafka exercita a escrita de si pautado no viés da memória e muitas vezes faz isso servindo-se do gênero epistolar. Suas cartas desvelam: experiências com a escrita e o singular universo do escritor, a relação com a profissão, conflitos familiares e amorosos. O problema de pesquisa a ser apresentado corresponde ao estudo da matéria memorialística e

epistolar em Kafka no sentido de estabelecer aproximações entre a escrita de cunho confessional e memorialista em Carta ao pai. Assim sendo, o método de estudo e análise se faz na relação com os referidos autores: ABAD, Héctor Faciolince (2012); ASSMANN, Aleida (2011); BENJAMIN, Walter (1985); CANETTI, Elias (2011); DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix (2003); GUSDORF, Georges (1991); LEJEUNE, Phillippe (2008); RESTREPO, Laura (2008); ROCHA, Clara (1992). **Palavras-chave:** Escrita memorialística; Literatura intimista; Gênero epistolar.

A representação gráfica de Franz Kafka nas adaptações de sua obra | LIELSON ZENI (UFRJ)

Investigar como as adaptações visuais da obra de Franz Kafka, sobretudo para as histórias em quadrinhos, representam o próprio autor. Kafka pediu para Max Brod queimar sua obra e garantir assim, seu desaparecimento. A traição do amigo ao último desejo do escritor tcheco leva, mais do que à publicação de material incompleto e de gaveta, ao reconhecimento da obra e da própria figura de Franz Kafka. Em vez de desaparecer da história, seu rosto é desenhado, caricaturado e representado em diversas das obras que reapresentam o trabalho de Kafka. A proposta aqui é pensar o quanto a presença gráfica do próprio autor diz na obra, levando em conta a noção de autor de Michel Foucault em "O que é o autor?", bem como as ideias de Roland Barthes em "A morte do autor". **Palavras-chave:** Franz Kafka; História em quadrinhos; autor; imagem.

A Metamorfose em Quadrinhos: traduções gráfico-visuais de Peter Kuper e Robert Crumb | LUIZ GUILHERME DOS SANTOS JUNIOR (UFPA)

Resumo: A comunicação analisa duas adaptações em quadrinhos de A Metamorfose, de Franz Kafka, desenhadas pelos artistas gráficos Peter Kuper e Robert Crumb. O primeiro artista realiza uma tradução quadrinística a partir de influências estéticas oriundas do

Expressionismo alemão, utilizando-se, sobretudo, de técnicas específicas da Arte Sequencial (Graphic novel) como ângulos, planos e cortes gráficos. Já a segunda adaptação incorpora um estilo mais underground, próprio de Robert Crumb, com imagens grotescas que potencializam visualmente o universo insólito de Franz Kafka. Objetiva-se, desse modo, demonstrar como os referidos artistas traduzem para a arte sequencial o mundo de Gregor Sansa, com base nos apontamentos teóricos de Will Eisner (1989) e na semiótica dos quadrinhos proposta por Cirne (2000). Tal análise tenciona demonstrar que as adaptações em quadrinhos não engendram uma simples reprodução do texto de Kafka, mas, a partir da linguagem gráfico-visual da Banda desenhada, recriam e ressignificam a ficção kafkiana.

Palavras-chave: Franz Kafka; quadrinhos; adaptação.

Fábulas kafkianas: Borges, Invasión e a batalha infinita | PALMIRENO MOREIRA NETO (UNICAMP)

Resumo: “En todo caso, se trata de un film fantástico y de un tipo de fantasía que puede calificarse de nueva. No se trata de una ficción científica a la manera de Wells o Bradbury. Tampoco hay elementos sobrenaturales. Los invasores no llegan de otro mundo; y tampoco es psicológicamente fantástico: los personajes no actúan – como suele ocurrir en las obras de Henry James o Kafka – de un modo contrario a la conducta general de los hombres.” Assim, Borges, em uma conversa com Fernando Sorrentino, descreve Invasión (1969), filme cujo roteiro foi escrito por ele em parceria com Bioy Casares e com o diretor Hugo Santiago. E acrescenta: “Se trata de una situación fantástica: la situación de una ciudad (la cual, a pesar de su muy distinta topografía, es evidentemente Buenos Aires) que está sitiada por invasores poderosos y defendida – no se sabe por qué – por un grupo de civiles.” Essa “situação fantástica” que instituiria a diegese do filme e diferiria das narrativas mais populares do gênero (estabelecidas, segundo o escritor, a partir da projeção do futuro, da intromissão de elementos

sobrenaturais na realidade ou da elaboração de personagens orientados por uma lógica incomum) possibilitava o desenvolvimento de um tema recorrente na obra do escritor argentino: o conflito e a luta. O assunto é realçado na sinopse do filme escrita pelo próprio Borges: “Invasión es la leyenda de una ciudad, imaginaria o real, sitiada por fuertes enemigos y defendida por unos pocos hombres, que acaso no son héroes. Luchan hasta el fin, sin sospechar que su batalla es infinita.” Além da exposição da matéria, a síntese apresenta um elemento importante do enredo: a infinitude da luta. Em *Invasión*, assistimos a um estado de sítio velado e à ameaça constante de um ataque, enquanto a resistência, renovada pela chegada de novas gerações, persiste mesmo diante de uma derrota iminente. A ausência de um desfecho para o conflito central da narrativa é um dos aspectos que distanciam o filme dos relatos tradicionais do cinema. Contudo, não se trata apenas da omissão do ato correspondente à resolução da estória, mas da construção de uma estrutura que projeta a ação ad infinitum. Nesse ponto, a trama de *Invasión* reverbera especialmente a interpretação de Borges da obra de Franz Kafka, a quem ele cita na resposta a Fernando Sorrentino como uma referência para a definição do gênero do filme. Na leitura dos relatos de Kafka realizada pelo escritor argentino, é possível descobrir o mecanismo fundamental da fábula de *Invasión*. Para tratar essa questão, a comunicação abordará os diversos comentários e escritos de Borges sobre a obra do escritor tcheco, apontando continuidades, variações e rupturas diretamente relacionadas à construção narrativa do filme. **Palavras-chave:** Franz Kafka; Jorge Luis Borges; *Invasión*.

O Fantástico de Franz Kafka recriado: Uma análise da animação e do conto Um Médico Rural | LUÍSA OSÓRIO RIZZATTI (UFRGS)

Este trabalho buscou um diálogo comparado entre a literatura e o cinema. Para tal, trabalhamos com o conto *Um Médico Rural*, do escritor tcheco Franz Kafka, e com a adaptação da mesma obra para o

audiovisual, realizada pelo japonês Koji Yamamura. Trata-se de um filme animado, de 21 minutos, lançado em 2007 e agraciado em importantes premiações, como o Festival Internacional de Animação Ottawa e o Mainichi Film Award. O objetivo central foi compreender e investigar como as características narrativas e a atmosfera criada no fantástico de Kafka foram trabalhadas em outra mídia, no caso, o audiovisual de animação. O nosso primeiro movimento foi de imergir no mundo de Franz Kafka, momento em que exploramos as principais características das personagens, da narrativa e da atmosfera que compõe as suas histórias. O embasamento teórico se deu, sobretudo, a partir de autores como Tzvetan Todorov (1975), Theodor Adorno (1998), Walter Benjamin (1994), Günther Anders (2007) e Modesto Carone (2009). Na sequência, discutimos o conceito de adaptação através da perspectiva intermídia da teórica canadense Linda Hutcheon (2013), que propõe uma dupla significação para o termo. Assim, consideramos as adaptações como palimpsestos, que, embora carreguem um texto anterior, são capazes de atualizá-lo e de recriá-lo através de um novo olhar. Em seguida, trazendo à tona um breve e simples panorama acerca da intertextualidade, a ideia foi contextualizar a nossa defesa acerca da ausência de hierarquia durante os exercícios comparativos entre literatura e cinema, reforçando que o nosso objetivo não era eleger qual dos dois seria melhor. Finalizando, retomamos as reflexões sobre obra e texto, propostas por Roland Barthes (2004), para entendermos o que é possível surgir de novidade através de uma adaptação. Após isso, entramos no estudo sobre a estética da animação, de modo que o primeiro passo dirigiu-se à busca de uma definição para o termo, tendo como principal referência o trabalho da estadunidense Maureen Furniss (2007). Ademais, apresentamos as características da arte de Koji Yamamura e visamos compreender os elementos que compõem as animações de um modo geral, sempre cruzando o embasamento dos referenciais com o nosso objeto. A metodologia utilizada foi a análise fílmica de Francis Vanoye e Anne

Goliot-Lété (2008), atrelada aos pressupostos que se relacionam com a estética das animações, trabalhados por Furniss. Percebemos que os principais recursos utilizados por Yamamura foram as deformações gráficas no desenho das personagens, o exagero nos gestos, a ênfase no modo de andar e de se movimentar das figuras, as abruptas mudanças de velocidades (aceleração versus lentidão), um trabalho de iluminação voltado à escuridão e uma colorização que privilegiou ora tons frios, ora tons amarelados para passar uma ideia de enfermidade. As bordas pretas ao redor do quadro também foram fundamentais para compor uma atmosfera sombria. Fora isso, a ambientação sonora perturbadora, marcada pelo violino e pelo piano, e as interpretações vocais dos dubladores japoneses configuraram-se como elementos cruciais para recriar o fantástico kafkiano no audiovisual animado a partir de uma roupagem oriental, bastante diferente do universo europeu do escritor. **Palavras-chave:** Um Médico Rural; animação; adaptação; Franz Kafka; Koji Yamamura.

Produção de Presença em O Castelo, de Franz Kafka | SANDRA HELENA ANDRADE DE OLIVEIRA (UFPI) e PATRÍCIA PILAR FARIAS (UFPI)

Considerando traçar um diálogo entre Literatura e Filosofia, o presente trabalho busca fazer uma leitura do sentido de produção de presença na narrativa O castelo, de Franz Kafka a partir do conceito Gumbrechtiano. Para isso faz-se um reflexão filosófica a despeito do sentido de presença, verificado na obra através da imagem do castelo em que a personagem K., coloca este lugar muito próximo, como algo presente no seu sentido. O sentido presente que dá-se aos objetos para que eles se façam presentes no mundo ou pertençam a ele, transmitindo como é produzido pela ideologia de que esse sentido é capaz de tornar algo real ou imaginável a nossa visão perceptível de entendimento da sociedade. Utilizando-se da presença ausência do castelo, a personagem nos apresenta suas crises existenciais, própria do

ser humano na busca de algo desejável e que as vezes não consegue atingir seu objetivo, frustrando-se diante de obstáculos. **Palavras-chave:** Produção de Presença; O Castelo; Kafka; Gumbrecht.

O pensamento-paisagem em Contemplação, de Franz Kafka | ANDRE FELIPE NUNES KLOJDA (UFRJ) e MARIANA FORTES MAIA (UFRJ)

O primeiro livro de Franz Kafka, *Betrachtung* (1912), teve o seu título traduzido, por Modesto Carone, como *Contemplação* – palavra derivada de templo –, em vez de *Meditação*. Isto deve-se ao fato de que, para Kafka, “a atenção dada ao objeto é uma forma leiga de oração” (1999, p.89), ou seja, inscrevendo-se no mundo em um movimento de percepção devota, contemplar demanda um sujeito que olha simultaneamente para dentro e para fora. Segundo Michel Collot, em sua *Poética e Filosofia da Paisagem* (2013), a “solidariedade entre o corpo preceptor e o mundo percebido é ilustrada pela experiência da paisagem, cuja aparência está ligada a um ponto de vista encarnado” (2013, p.38). Entende-se a paisagem não como uma região geográfica ou sua representação mimética nas artes, mas como “um espaço percebido e/ou concebido, logo, irredutivelmente subjetivo” (COLLOT, 2013, p.51). Está centrada no ponto de vista do sujeito, mas situada em um espaço e em um devir coletivos, em uma interação constante entre o interior e o exterior. Em um primeiro olhar, reconhecemos peças de *Contemplação* (1999) que, já no título, evocam a concepção mais corrente de paisagem, ou seja, extensão de uma região que pode ser abarcada pelo olho (COLLOT, 2013, p.49) – “Olhar distraído para fora” e “A janela da rua”, por exemplo. Nelas, porém, assim como em várias outras das pequenas narrativas do livro, o que vemos é que, de forma concisa e hábil, Kafka negocia entre sua sensibilidade, sua percepção e aquilo que se lhe apresenta; “os olhos para cima e para baixo, entre as pessoas e o céu” (1999, p.34) têm tanto a ver com as pessoas e o céu – e o que há entre eles – quanto com o estado em que

se encontra o narrador. Para Maurice Merleau-Ponty, na Fenomenologia da Percepção (2006), “um objeto percebido pode concentrar em si toda uma cena, ou tornar-se a imagem de todo um segmento de vida” (2006, p.84). Em sua forma leiga de oração, por meio da atenção aos objetos, Kafka faz precisamente o descrito por Merleau-Ponty: em “As árvores”, o tronco de árvore na neve desdobra-se como uma metáfora da condição humana percebida pelo narrador; já em “Roupas”, a roupa bem ornada introduz um rosto “já visto por todos e quase impossível de ser usado de novo” (KAFKA, 1999, p.30). A “constelação original de significados produzidos pela escrita” (COLLOT, 2013, p.58), matéria da paisagem de um escritor, é constituída de elementos concretos e temáticos – em Contemplação, encontramos a solidão e o sentimento de inadequação, além dos dados observáveis, como a constante alternância entre ambientes internos e externos. Em consonância com Carone, que define Contemplação como “um caminho, que o leitor pode esmiuçar, se quiser” (KAFKA, 1999, p.94), buscar-se-á vislumbrar as paisagens apresentadas ao longo deste trajeto enquanto um desdobramento do narrador, ao mesmo tempo fundador e fundado pela paisagem. **Palavras-chave:** paisagem; contemplação; percepção; Franz Kafka.

Franz Kafka e as categorias de uma literatura menor por Deleuze e Guattari | PABLO CASTRO RIBEIRO (UFRJ)

O objetivo do presente trabalho é analisar e apresentar a obra “Kafka: Por uma literatura menor” escrita pelo filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Félix Guattari, em 1975. A obra em questão aponta as características que fundamentam o conceito de “literatura menor” contrapondo, de modo kafkaniano, o que era entendido por literatura maior. Eles afirmam que: “As três características da literatura menor são a desterritorialização da língua, a ligação do indivíduo no imediato político, o agenciamento coletivo de enunciação. É o mesmo que dizer que “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições

revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida) (DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix – Kafka: Por uma literatura menor. 1ª Edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014. Tradução: Cíntia Vieira da Silva, p. 41)”. Nesse sentido, a imagem a ser apresentada é sim a imagem de uma literatura revolucionária por ser agenciamento, ser política, e ser desterritorializada, no entanto, também, faz-se necessário a compreensão de como conceitos filosóficos se articulam com essa leitura da literatura de Kafka por Deleuze e Guattari. **Palavras-chave:** Kafka; Literatura menor; Deleuze; Guattari; Filosofia.

Uma metamorfose sem reserva: mal-estar e derrisão na passagem de Gregor Samsa | SERGIO ALEXANDRE NOVO SILVA (UFRJ)

Nas Metamorfoses, Ovídio promoveu a narrativa de um observatório cujo “ponto culminante”, como nos indica João A. O. Neto, é a transformação ou a passagem que sofrem os seus personagens. Contudo, o que estaria em jogo na novela de Franz Kafka, traduzida homonimamente? “Verwandlung”, substantivo do título cuja etimologia, diferentemente do latim Metamorphosis, não deixa de evocar o movimento de passagem ou de flanêrie, sugere um tipo de abordagem angustiante próprio da novela em questão. Não à toa, ela começará com os sonhos inquietos de Gregor, associados à palavra Unbehagen – bastante cara para a psicanálise de Freud, e cujo significado dialoga com o mal-estar do indivíduo que se vê desabrigado, deslocado para um ambiente “hostil” e “inóspito”, como nos traduz Márcio Seligmann-Silva. Dito isto, pretende-se com essa apresentação recolocar o olhar diante desse mal-estar que irrompe em Die Verwandlung (1915) logo na leitura de sua primeira frase, e com o qual, segundo Modesto Carone, “tanto o herói como o leitor têm que se conformar”. Por outro lado, é preciso continuar a leitura, reler passagens cruciais. Pois parece que, diferentemente de Ovídio, não se trata ali de um gran finale que fecha as cortinas da narrativa, mas justamente de

sua primeira marcha: o sintoma inquieto da transformação, que por sua vez é gatilho de toda a história. Ou seja, é como se Kafka impelisse o leitor a se debruçar sobre a inquietação da árvore de louro em que se metamorfoseara a Daphne pós-Apolo, em vez de ler uma explicação ovidiana da sua transformação. Como afirma Vladimir Nabokov, ainda que ele acorde aceitando sua condição de maneira “infantil”, ao mesmo tempo ele “se aferra às recordações humanas, à experiência humana”, pois “a metamorfose não chegara ao fim”. Imagem dialética, como o Angelus Novus de Paul Klee à luz da leitura de Walter Benjamin, Gregor pode ser lido como o entrecruzamento de um tempo voltado para o acúmulo de um passado que não se deixa mais apreender e de um vendaval de futuro que o impele a seguir em frente: a perder paulatinamente a sua humanidade metonimicamente representada pela sua língua transformada em grunhido. Trata-se de uma encruzilhada promovida pelo próprio acontecimento metamórfico, i.e., pelo violento continuum da passagem daquilo que não se deixa mais conservar; e que impele o personagem a um movimento irresoluto. Encruzilhada diante da qual Gregor e a sua família se verão de maneira mais e menos inerte, mais e menos ofensiva a depender das forças que perpassam as suas relações familiares, bem como a maneira como o leitor se relaciona com a novela. **Palavras-chave:** Metamorfose; Mal-estar; Conservação; Progresso; Crise.

Na colônia penal: a escrita inscrita no corpo ou a lei imposta na pele | ISADORA BONFIM NUTO (UFRJ)

Em Na colônia Penal, uma máquina grafa na pele do condenado sua sentença. Ele não sabe o crime que cometeu, tampouco sua condenação. Não sabe o que o aguarda nem o procedimento de seu julgamento. O explorador que vai conhecer a colônia se espanta ao saber que o condenado desconhece absolutamente tudo sobre sua sentença, ao que o Oficial que opera a máquina, responde: “Seria inútil anunciá-la. Ele vai experimentá-la na própria carne.” (KAFKA, 2011, p. 71).

Nesse conto de Kafka, as relações entre poder, corpo e escrita estão claramente explícitas. O corpo não só é o suporte para a lei, como é também o meio pelo qual o condenado passa a conhecê-la, ou seja, aquele que é julgado conhece a lei não por um acesso anterior a ela, mas por um acesso imediato, por meio de uma sensação tátil, de forma que o corpo assume, assim, função essencial na história. O poder, na forma da lei e da autoridade, é colocado, então, não apenas na figura do Oficial como também da própria Máquina penal, que se assume como um personagem próprio e, talvez, o principal. A lei que o Soldado infringiu, por sua vez, só passa efetivamente a existir quando é grafada na pele (considerando que a escrita do antigo comandante é ilegível e que é só na inscrição pela máquina que é possível reconhecê-la) e só se inscreve completamente quando atinge o momento da morte do condenado, ou seja, quando já não pode mais ser contestada. Sobre isso, também diz o Oficial: “O senhor viu como não é fácil decifrar a escrita com os olhos, mas o nosso homem a decifra com seus ferimentos. (Kafka, 2011, pp. 77-78). Outras relações com o corpo, além da pele ferida, também são apresentados, como o sangue, o vômito, a contorção do corpo... E outras dimensões da lei também aparecem, como a relação entre o cidadão e o estrangeiro, a barreira da língua, que separa os personagens entre aqueles que podem ou não compreender uns aos outros, e que é fundamental na decisão do Explorador de intervir ou não na tortura operada pela máquina sob mando do Oficial. Assim, a partir do que foi apresentado, buscaremos pensar as relações entre a Lei, o corpo e a escrita no conto de Kafka, tomando por base outras obras do autor, o texto “Escrituras do corpo”, de Jeanne Marie Gagnebin, e o pensamento de Derrida sobre a Lei, como em *Force de Loi*. Por fim, Pierre Clastres aponta o corpo como uma memória, assim, na obra tratada, a lei se eternaliza no corpo defundo daqueles que foram julgados. **Palavras-chave:** Lei; corpo; escrita.

Corpo, Transmutações E Violência Em Três Contos De Kafka | VIVIANE CRISTINA BITENCOURT DOS SANTOS (UFMG)

Neste trabalho, avaliarei como o autor judaico Franz Kafka constrói a relação entre corpo, transmutação e violência em três contos. O objetivo principal é analisar os seguintes textos literários e subtemas: (a) Metamorfose: a transfiguração do corpo; (b) Artista da fome e Na galeria: a violação do corpo como espetáculo. Por meio da alegoria, Kafka foi capaz de fantasiar com o absurdo, mas sem deixar de provocar reflexões sobre a realidade e as relações de poder. Ele também inova no fazer literário e ainda dá relevância ao tema do corpo. Diante disso, analisarei este elemento tão recorrente nos textos kafkianos e sua possível relação com o mundo das “grandes organizações” (Kafka). Assim, pretende-se mostrar, neste trabalho, como as personagens anti-heroicas dos três contos supracitados se anulam e renunciam à condição humana (reificação), o que materializa o próprio fracasso como indivíduo: seja na transformação de Gregor Samsa em um inseto, o que caracteriza não só uma prisão do corpo, mas também da alma; ou na deformação corpórea vivida pelos artistas de Na galeria e de Um artista da fome. Os três articulam a angústia de viver no limiar entre vida e morte, do corpo que não é mais vivo, embora ainda não esteja morto. A naturalização e a instrumentalização da violência na literatura kafkiana mostram que o absurdo não está tão distante da realidade, uma vez que formas de crueldade e esquemas sistêmicos e burocráticos da contemporaneidade também podem alienar e reificar o homem. **Palavras-chave:** Franz Kafka; Corpo; Transmutações; deformação.

K contra K | ADRIANA SANTOS IMBROSIO (UFRJ)

A comunicação versa sobre estudo de O Processo, realizado no manuscrito de Kafka, publicado pela Stroemfeld Verlag (1997) e considerados os aspectos jurídicos do texto, os quais, entretanto, de forma isolada, se mostram insuficientes para a compreensão. O artigo,

de autoria de Renata Asali-van der Wal e Aliona Dosca, *Die Rechtssprache als Erweiterung der literarischen Artikulation in Franz Kafkas «Der Prozess»*, é exemplo que invalida a simples contextualização jurídica, como recurso único para interpretação da obra, pois as autoras se limitam a analisar isoladamente os institutos, apontando para inconsistências do texto, na sua aplicação e, explicitando, que, por não haver um encadeamento lógico no processo, o uso dos institutos fica sem nexos, concluindo pelo uso da linguagem jurídica como instrumento poético. A presente leitura não descaracteriza interpretações realizadas com base em outras especialidades. Focou-se no conceito de calúnia, como previsto na legislação penal austríaca. O romance é desenvolvido considerando o crime cometido contra K., denúncia caluniosa, crime que evidencia a vulnerabilidade da Justiça, atingindo a credibilidade do sistema judiciário, pois o sujeito, embora inocente, tem a estrutura de investigação do Estado voltada contra si, tendo que, em inversão de valores, provar sua inocência. Essas conclusões só foram possíveis através de uma abordagem fenomenológica. Giorgio Agamben, a partir da observação de Davide Stimilli sobre a importância do direito romano para a leitura de *O Processo*, em especial do fato de ser tatuado K na frente do caluniador, elaborou estudo em que sustenta que a calúnia foi cometida por Josef K. contra ele mesmo. Agamben identifica o kafkiano em *O Processo* no sentido de que a denúncia caluniosa exige que o autor do delito saiba que o sujeito que ele está caluniando é inocente; mas ao cometer esse delito, na modalidade de auto-denúnciação, por se saber inocente, é culpado de cometer calúnia. Entretanto nessa hipótese não se estaria diante da figura de denúncia caluniosa, mas da auto-acusação falsa, delito que não existia na Alemanha, bem como não se identificou essa modalidade na Áustria daquela época. No texto de Kafka, não há indicativo de falsa auto-acusação, como demonstram a angústia e sofrimento vivenciados por K., que não conseguia entender o que estava acontecendo. Ora, se

ele mesmo tivesse realizado uma auto-acusação falsa, contra si, não haveria mistério para ele. A tatuagem, na Roma Antiga, como punição do caluniador com a letra K impressa na testa, também incluía aquele que levou essa calúnia à autoridade. Assim, a questão não é a calúnia, mas a denúncia caluniosa. Na verdade, a diferença reside em que para Agamben, K., foi o autor da denúncia e aqui se entende que K. foi vítima de denúncia, sendo que o autor da denúncia contra K, ao ser descoberto, teria a letra K tatuada na fronte, se estivessem, sob a égide da lei romana. A perspectiva de Kafka é de extrema atualidade quanto às questões do direito e da justiça, com vistas à garantia dos direitos e das liberdades. **Palavras-chave:** Kafka; O Processo; denúncia caluniosa.

Um animal na construção: a ironia kafkiana diante do medo | CAROLINA MARTINS PEDROSO (USP)

O trabalho a ser apresentado é uma análise de "A construção", de Franz Kafka, a partir do tom irônico e do medo como temáticas presentes na narrativa, tendo como objetivo estabelecer uma análise entre o animal, o mundo externo, a construção e os contextos histórico e biográfico do autor. Kafka é um escritor engenhoso, que combina muito bem em sua obra a mistura de aspectos autobiográficos com o seu contexto histórico, sua imaginação e a crítica à realidade. Esta leitura do animal construtor e como ele interage com o seu universo, pretende, sobretudo, analisar como esses elementos dialogam e representam a realidade através da ficção e como essa apresentação kafkiana da realidade se torna uma literatura universal e atual, constituindo uma crítica de aspecto irônico a partir da forma como o autor joga com o medo e a paranoia no desenrolar do texto. Para tanto, será considerada também possíveis aproximações com outros textos de Kafka, como "Um relatório para uma academia", e outros textos críticos e filosóficos, como "Kafka: pró e contra" de Günter Anders, "Kafka e kafkianos" de Anatol Rosenfeld, "O Mal-estar na civilização" de Sigmund Freud e

"Franz Kafka: sonhador insubmisso" de Michael Löwy. **Palavras-chave:** a construção; animal; Kafka; medo; ironia.

Kafka e a tradição narrativa: uma leitura de "Na Galeria" | GABRIEL CAIO CORREA BORGES (UFRJ)

Propomos uma apresentação acerca das peculiaridades da literatura de Kafka naquilo que ela se coloca em refundamentar a narrativa para o contexto da modernidade acentuada que marca o início do século XX. Considera-se a empresa deveras ousada de uma iniciativa em primeira vista singela entendendo o problema que envolve a narrativa durante aquele período. Pois conforme a narrativa se significava em base de uma tradição justificada em uma experiência coletiva. Se essa experiência contemplava a transmissão de uma sabedoria repassada e ressignificada entre as gerações, esse aspecto vai caindo no esquecimento conforme a ordem moderna avança e decai no seu ocaso e silêncio definitivos. São considerações acerca da narrativa que são identificadas pelo filósofo Walter Benjamin. Com base nessa proposta teórica, Benjamin também compreende em Kafka uma possibilidade de retomada na narrativa não no reencontro da experiência coletiva perdida, mas ao contrário, fundamentada na experiência vivida, solitária, desolada, da modernidade. Sua obra assim iria proceder no processo de significação da modernidade conforma os próprios termos desta, fundamentando uma nova experiência narrativa a partir do silêncio que a modernidade impôs ao mundo. Tomamos assim a análise benjaminiana como base para uma leitura do conto de Kafka "Na Galeria". Algo como uma parábola curta de apenas dois parágrafos, veremos como na composição da intriga desse conto, Kafka se propõe de registrar a desolação que a companhia o sujeito moderno diante de sua impotência. **Palavras-chave:** Narrativa; Experiência; "Na Galeria".

Franz Kafka, um autor de seu tempo: preocupações atuais na narrativa de “Uma folha antiga” | ANA FILGUEIRA (UFC)

A comunicação tem por objetivo examinar o conto Uma folha antiga, da obra do escritor Franz Kafka, Um Médico Rural, a partir das indagações provocadas pelo autor e os indícios de modernidade apresentados através do mesmo. A análise será idealizada a partir de considerações de estudiosos da obra de Kafka, como Walter Benjamin, Antonio Candido, Florestan Fernandes, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari, em diálogo com o contemporâneo. Os aspectos destacados pela investigação proposta serão o realismo do conto moderno; as relações de poder; o estabelecimento da ordem e a resistência ao autoritarismo, possibilitando, assim, conexões que nos permitam a reflexão e crítica do momento atual. **Palavras-chave:** Franz Kafka; Resistência; Modernidade; Crítica; Política.

P R O J E T O
Franz
Kafka



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO

F Faculdade de Letras
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO



Programa de pós-graduação em
Ciência da Literatura
Universidade Federal do Rio de Janeiro

